

REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO.—I Ultimos livros, por João Ribeiro — II Vozes da Republica, por Elisa Lentz. — III Da educação, por Herbert Spencer. — IV. Poesias de João Ribeiro. — Bibliographia Brasileira.

Ultimos Livros.

ASSUMPTOS AMERICANOS

Tenho sobre a mesa de trabalho alguns livros ultimamente publicados e que me foram obsequiosamente offerecidos pelos auctores.

Sobre elles, irei externando aforradamente e ao correr da penna a minha desautorizada mas sincera opinião.

O DICIONARIO DE VOCABULOS BRAZILEIROS pelo Visconde de Beaurepaire Rohan é um trabalho patriotico, digno da attenção dos nossos philologos.

Já de ha muito, por necessidade e tendencias do meu espirito, procurava eu formar um juizo positivo e seguro sobre a intensidade e extensão do novo vocabulario patrio.

Poucos trabalhos havia feitos sobre o assumpto e os que havia eram demasiado incompletos. Citemos o *Vocabulario Brasileiro* de Costa Rubim, deficientissimo e

quasi constando de nomes proprios de plantas e animaes e a *Collecção de Vocabulos do Rio Grande*, de Coruja, lexico muito parcial, e outros ainda mais exclusivos e mal feitos que corriam nas annotações e appendices de certas produções litterarias populares.

De caracter mais alevantado e serio, havia estudos de B. Caetano e Macedo Soares, esparsos pelas paginas da *Revista Brasileira*, quando vi publicado na *Gazeta Litteraria* (1883—85,) dirigida por Valle Cabral, um *Glossario*, que foi a origem do presente livro que analyso.

No Brazil, pode-se affirmar sem receio de contestação, a organização do lexico dialectal deu-se tardiamente. Já nas outras nações americanas, sem falar dos Estados Unidos, o estudo dos respectivos glossarios se achavam não completos mas largamente explorados.

E' assim que existiam um bom *Diccionario de Chilenismos* devido á penna de Zorobabel Rodriguez, um *Diccionario de Peruanismos* organizado por Juan de Arona,

pseudonymo do poeta Paz Soldan y Unanue, e mais um estudo sobre a linguagem de Bogotá, obra eruditissima e extraordinaria quando comparada com o estado de cultura latino-americana, por M. Cuervo.

Tive noticia bibliographica e pude obter do autor, Ignacio de Armas, um exemplar de seu estudo interessantissimo *El lenguaje de Cuba*, livro que infelizmente sahiu da minha pequena bibliotheca para não mais voltar, sem que me seja possível dizer onde elle pára actualmente. (1)

Faltava pois ao Brazil um dictionario razoavel do seu lexico regional e esta lacuna foi supprida pelo *Diccionario* do Visconde de Beaupaire Rohan.

Ha poucas imperfeições, a nosso vêr, algumas inevitaveis, nesse interessante livro, como sejam a falta inevitavel de vocabulos, a adopção da orthographia propria do tupi a respeito de algumas poucas palavras que se pronunciam com os sons genuinos da phonetica portugueza *ygara*, *ypu*, (o *i* especial de tupi não se encontra na prosodia dos brasileiros); a ommissão indevida de varios termos portuguezes, que no entanto possuem sentido diverso na America.

Essas faltas, comtudo, foram commettidas voluntariamente pelo auctor, que adoptou um methodo muito restricto na elaboração do lexico brasileiro.

Em todo o caso, temos um livro bem feito e digno do applauso absoluto de todos os que se dedicam a essa ardua provincia do saber litterario. (2)

Na parte das etymologias, folgo de reconhecer que o illustre auctor, longe de se emmaranhar em hypotheses extravagantes e inverosimeis, anda sempre com discreto passo, confessando oportunamente a propria ignorancia em vez de alardear sciencia van e indigesta.

E devo registrar aqui as suas simples e verdadeiras palavras que me depara o prologo do livro:

«A respeito de etymologias, não menciono senão aquellas que me pareceram racionais. Procural-as na méra semelhança

(1) Esse livro tinha para mim um interesse superior ao dos outros, pois Cuba e o Brazil foram os dous focos mais intensos do africanismo na America latina.

(2) No *Diccionario* encontra-se a palavra *Fruita* que deve ser corrigida para *Truita*; erro que proveiu do manuscrito.

de palavras é um erro que nos conduz a verdadeiros despropósitos».

ESTUDOS SOBRE A POESIA POPULAR DO BRAZIL (1879-80)—é o titulo do ultimo livro publicado pelo nosso collega Dr. Sylvio Romero.

Não insistiremos sobre o valor das produções de um espirito hoje conhecido universalmente no paiz.

Os *Estudos sobre a Poesia Popular* foram outrora publicados na *Revista Brasileira* e agora reproduzidos em livro, com algumas modificações de pequeno alcance.

N'elles se encontra bem elaborada critica sobre os nossos *folk-loristas* Celso de Magalhães, Couto de Magalhães, Araripe Junior, C. de Koseritz e outros de menor vulto.

Ahi o auctor critica com elementos comparativos nacionaes, dando as variantes de contos e poesias e adduzindo as inferencias theoricas que cada caso comporta.

Em capitulos subsequentes, estuda alguns dos factores do nosso *folk-lore*, estabelece as suas origens que indicam a possibilidade de uma classificação ethnica e esboça com singular maestria o quadro das transformações dialecticas da lingua no Brazil.

Os assumptos, como se vê, são de grande importancia e cada um d'elles poderia mesmo exigir mais de um volume. Todavia, apresentados assim sob a forma de synthese, a largos traços, tornam-se mais apprehensiveis e incomparavelmente mais suggestivos.

A principio era vedado o estudo das cousas sociaes, e as manifestações do homem nas suas funcções de especie não constituam objecto de estudo. Essa objectividade dos factos humanos em philogenese, considerados como materia de sciencia foi alcançada a custa de esforços enormes. Só depois de explorados os factos physicos, chimicos e biologicos, tornou-se facil olhar para as funcções da vida cerebral com a attitude de quem vae observar e coordenar.

Desde logo estudou-se a palavra como elemento da linguagem, estudaram-se todas as acções de cooperação social e publica e os factos da vida intellectiva e emocional que deram origem ás formas litterarias cultas.

Estes ultimos factos que constituem o objecto do *folklorista* comprehende duas formas geraes: a *prosa* e a *poesia*. Por ahi

se vê desde já o dislate dos escriptores da era passada que davam a *poesia* como a forma preevica da litteratura, quando os factos attestam a concomitancia dos dous processos e a logica induz a crer que a prosa, a conversa, a historia, o conto foi com certeza o processo primitivo rudimentar.

Se a poesia logrou desenvolver-se e cultivar-se mais cedo, esse facto resultou apenas de que antes da arte de escrever, a prosa fluida estragava-se no correr da tradição, ao passo que o verso dotado de um quasi centro de gravidade — o *rythmo* — poudo ter-se em pé e ficar um tanto immune ao attrito corruptor da tradição oral.

Como, porém, se tem interpretado o *folk-lore*, esse conjunto de factos que constituem a meu ver os vestigios da pre-historia litteraria, a archeologia dos factos intellecto-emotivos expressos em linguagem?

O proprio Dr. Sylvio Romero, a meu ver, procurava outr'ora nas produções tradicionaes a base de uma regeneração litteraria.

O *folk-lore* não pôde ser uma fonte genuina de inspirações ao belletrista de hoje: os cantos e os contos populares não podem servir de fecundação aos artistas modernos, pela mesma e simples razão pela qual o estudo de factos sociaes, de uma civilização antiga, por exemplo, nada nos esclarece sobre a direcção da nossa vida social contemporanea.

O Dr. Sylvio Romero acertou e feriu no alvo exacto quando indicou formalmente o *subsidio ethnographico* que podia exaurir-se de taes fontes: os seus *Cantos populares* vêm dar uma prova superior, porque é de ordem psychologica, da collaboração dos tres factores ethnicos e da sua resultante na nossa vida quer material quer moral.

Por esse lado, o auxilio que o *Folk-lore* trouxe á sciencia da critica foi de subida e inestimavel importancia porque vem terminar a porfiada contenda sobre a supposta preeminencia do elemento *indiano* na litteratura, maxime no romance e na poesia. Como prova *a posteriori* não poderia ser mais decisiva.

Ora, todo este trabalho, diga-se a verdade, é devido a Sylvio Romero; quando elle chegou ao Sul, ainda no paiz inteiro estavam em voga o *Maraca*, o *tacape*, as

iracemas e todo o valhacouto do serodio patriotismo caboclo.

Os materiaes do *folk-lore*, no entanto, até hoje não são susceptiveis de organização coordenadora. Os resultados de synthese são relativamente insignificantes em relação aos cabedaes amontoados, e á enorme empyria em que se afundam.

Parece averiguado que houve um momento primitivo de confusão entre o *mytho*, a palavra e a emoção traduzida em forma decorativa ou litteraria. De facto, nos albores da humanidade, o conceito da verdade sendo mais obscuro do que o da lenda ou do erro, é crível que a organização daquella só podesse surgir tardia-mente: e nesse caso o que chamamos a *precisão*, o *exacto*, a *propriedade* de factos exteriores não existia no intellecto humano, ennevoado pela excessiva humidade da vida sentimental.

Aqui, entramos forçosamente no terreno frouxo de todas as conjecturas e nem é licito ir adiante.

Fora d'essa questão de origens, o *folk-lore* pode em todos os casos determinar pela migração das tradições, as correntes ethnographicas que entraram na formação das nacionalidades e determinar mesmo a proporção e intensidade d'esses agentes.

E' aqui o lugar de dissipar um erro de varios escriptores, alguns de bastante nomeada, da Europa e da America, quando suppoem que a revolução do romantismo se operou impulsionada pela divulgação e pelos estudos da litteratura anonyma popular.

E' verdade que o elemento *classico* na litteratura aristocratisou-a por assim dizer, desviando-a do sentimento plebeu e não erudito; mas o que tambem é verdade é que o *romantismo* procedeu em larga parte da inspiração dos trovadores medievos da Allemanha e da Provença (para os latinos), *jograes*, *menestreis* e *rimantes*, cuja produções só por lamentavel engano podem ser irmanadas aos productos do *folk-lore*.

Lembrei o facto porque elle foi transplattado ao Brazil por Alencare e outros que viam n'essas lendas a continuação da corrente interrompida do medievismo romantico, tal qual o pensava Garrett e talvez os mesmos Theophilo Braga e Adolpho Coelho pelo silencio de sua critica sobre o romantico portuguez, no assumpto.

Ora, não ha um só facto na litteratura portugueza que possa ligar a solução exis-

tente entre os productos do *folk-lore* e os do *cyclo* provençalesco.

A razão é que uns são de todos os tempos e representam o typo elementar de quaesquer estados de cultura artistica, da mesma sorte que a *empyria* e o *bom senso* representam o typo rudimentar de quaesquer estados de cultura scientifica.

Os estudos do Dr. Sylvio Romero agora colligidos em volume têm grande valor descriptivo; não deixarei comtudo de pedir-lhe que mais tarde nos dê um opusculo theorico em que se construa ou se mostre a possibilidade de construir uma synthese d'esses factos, deduzir toda a serie de consequencias geraes que elles possam conter, dar-lhes os typos irreductiveis, os resultados abstractos de que são fecundos.

Que especie de tendencias litterarias ressumbra do nosso *folk-lore*? Sei que Sylvio Romero opina ser no brasileiro predominante a nota do *lyrismo pessoal*. E ha outras innumeradas questões que merecem de certo a homenagem do nosso erudito escriptor.

Podemos affirmar que no estado rudimentar, na poesia collectiva do nosso *eu* nacional, existe com predominancia a tendencia *lyrica*? o sentimento absorvente é a melancolia ou a jovialidade?

Uma cousa parece averiguada; é a ausencia absoluta do typo epico, talvez pela despauperada anemia, anti-heroica, da nossa historia. Aqui não ha o *Condestabre*, nem o *Cid*, nem o *Carlos Magno*, nem cousa alguma parecida. De todos os pequenos heróe da nossa vida historica nenhum ha legendario e que desse origem a qualquer *cyclo* de produções anonymas.

Estas e outras suggestões nos trouxe o excellente livro do nosso confrade e desejamos que tão attrahente assumpto ainda volte a ser, por mais uma vez, objecto do seu elevado e culto espirito.

Obsequiou-nos o Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt com um exemplar do seu livro recentemente publicado sob o titulo ORIGEM DAS ESPECIES e *America Prehistorica*.

E' uma serie de conferencias que visam vulgarisar alguns pontos da nossa anthropologia e tratam do *Homem pre-historico* (1ª e 2ª conferencias) do *Darwinismo ou transformismo* (3ª e 4ª conferencias) da *America pre-historica* (5ª conferencia) e de va-

rios assumptos relativos aos *Aborigines da America* (serie das tres ultimas conferencias).

O livro contem mais um *Appendice* em que o auctor analysa a opinião do Dr. Salvador de Mendonça exarada nos artigos publicados sob o titulo «*Os Mayas*» em uma das revistas fluminenses.

Creio que o Dr. F. Bittencourt acaba de realizar um serviço relevante ao povo, buscando inspirar-lhe, em estylo facil e amenissimo, o estudo de questões que por si relacionaram directamente como a constituição intima da nossa nacionalidade historica, não devem flear vedadas ao conhecimento geral de todos.

Sob a infindavel questão do *monogenismo* e *polygenismo*, o orador declara-se francamente sectario do ultimo partido. Em verdade, ha alguns factos que parecem indicar um *polygenesis* primitivo. Mas a questão, para quem aceita o transformismo, não deve nem pode ser limitada ao apparecimento do homem, mas deve ser extensiva ao apparecimento da *vida* em nosso globo.

O caso organico que constitue a vida principiou em um unico ponto? Eis a questão que o darwinismo analysa.

Por outra parte, o conceito de *forma* biologica representa uma evolução fatal, imprescriptivel? Todo e qualquer começo de vida deveria por força evolutiva affectar todas as formas vegetaes e animaes e depois terminar no *homem*?

Se o *polygenismo* fosse a verdade, não é de suppor que o *homem*, isto é, o ente superior, fosse em toda a parte um mamifero. Se houve centros vários de criação, a evolução poderia em qualquer d'elles operar-se n'outro sentido, seguindo outro plano zoologico, o da ordem dos passaros, por exemplo, e n'esse caso o producto final não seria evidentemente o homem.

Estas objecções são graves, pois ninguem pode provar a fatalidade e a exactidão concordante de todas a evoluções vitaes que surjam d'aqui ou d'alli. Ao contrario, só a hypothese do *monogenismo* pode explicar sufficientemente a similaridade zoologica de quaesquer homens de quaesquer raças.

Mas para as pessoas que como o illustre auctor creim na *irreductibilidade das especies*, acho contradictorio abraçar a theoria *polygenica*. Admittir que na historia dos series uma especie não pode transformar-se em outra equivale a admittir que uma

dada especie (o *homem*) não pode originar-se de varios centros (*polygenismo*).

As conferencias que se occupam com a America prehistorica tem bastante interesse; revelam algumas discordancias, mas apparentes, que se originam do estado indefinitivo da sciencia archeologica; assim o auctor conclue a *identidade da gentildade americana* pelo argumento de que eram identicos os processos de *ceramica* na America (pag. 61) ao passo que mais adiante essa identidade de processos da *ceramica* são argumentos que *cahem diante dos que fundam-se na especialidade dos caracteres physicos* (pag. 78). A verdade é que nem caracteres anatomicos, nem até os proprios caracteres psicologicos revelados pelo *Folklore* e pela *Mythographia comparada* podem autorisar conclusões de identidade de raça; e n'esse ponto a anthropologia quasi nada tem adiantado.

O estudo dos *mound-builders* que eu quizera ver denominados *sambaquis* que é o nome que têm geralmente no Brazil, é bem desenvolvido e merece applauso total excepto quando cita o Sr. Ladisláo Netto sobre assumpto em que a primazia de estudos cabe no Brazil a outros naturalistas menos espectaculosos.

Em summa, as conferencias do Dr. F. Pinheiro Bittencourt constituem livro de ordem sympathica que todos devem lêr e onde não poucos dos nossos patricios devem ir aprender e conhecer os multiplos problemas que se agitam sobre o homem americano e especialmente sobre o homem brasileiro.

Como trabalho de vulgarização, é digno de francos elogios, pois está elaborado (o que nem sempre succede entre nós) em estylo apropriado e ao alcance do nosso publico.

Desejamos que o illustre auctor continue a publicar as suas utilissimas conferencias.

JOÃO RIBEIRO.

A differença entre o avaro e prodigo; é que um enriquece com cara de pobre e outro empobrece com cara de rico (Shenstone)

Vozes da Republica

1

E' uma mentira e uma perfidia á historia respeitar a monarchia no Brazil como instituição instituida.

Todos os movimentos autonomicos da nossa historia foram sempre feitos no sentido da Republica: em Minas, na Bahia, em Pernambuco, em S. Paulo e no Rio Grande.

A independencia de 1822 foi uma satisfação lacunosa: uma conciliação entre os interesses mercantis da familia de Bragança e o odio do regimen colonial, que se tornára impossivel desde que D. João VI veio refugiar-se e fundar uma côrte no Rio de Janeiro.

2

Se, pois, todas as nossas aspirações de ideal politico se resumiram na democracia pura, a instituição monarchica foi apenas um factor intruso e sem prestigio tradicional.

A monarchia foi feita pelo resto da comitiva de D. João VI que aqui ficou, por ella e para ella. O povo brasileiro nunca sonhou reis, nem imperadores; se mesmo aceitou a monarchia que perfidamente se insinuára, foi porque n'esse tempo a ficção do constitucionalismo era uma invenção recente, illudia aos mais precavidos e parecia satisfazer aos democratas inexperientes. Mais quem hoje presta fé ao constitucionalismo monarchico?

3

Os republicanos de hoje constituem o unico partido actual de verdadeiro ascendente; provam-no a attitude dos liberaes que fazem propaganda contra a republica, fazendo d'essa propaganda um degráo para alcançar a mão do soberano; provam-n'o as affirmações do liberal Ruy Barbosa que se collocou na extrema do partido, ao lado dos republicanos, pedindo as grandes reformas; prova-o o liberal Joaquim Nabuco pedindo a federação como unico remedio; provam-n'o os conservadores que são forçados a liberalisarem-se e a fazerem concessões á idéa nova, nos seus proprios órgãos of-

ficiaes e officiosos; prova-o um proprio *ministro da coroa* affiançando que a monarchia é apenas *tolérada* e cairá logo que a republica tenha o numero arithmetico sufficiente para derrocal-a, visto como moralmente a instituição monarchica já não tem apoio, nem segurança na opinião; e prova-o finalmente o imperador que se dizia republicano por humorismo e que hoje não está tão doente que não saiba calar-se sobre o assumpto.

4

A attitude dos republicanos deve ser a da lucta, qualquer que seja a situação dos combatentes. Os republicanos ainda quando não possam vencer, devem perturbar e trabalhar para o aniquilamento dos partidos monarchicos. Aonde os republicanos não possam representar a victoria, têm o dever de representar a discordia do partido que goza do poder. Quando o republicano não poder eleger um republicano, deve eleger um liberal, para aniquilar os conservadores que governam; e devem eleger um conservador, se os liberaes governarem amanhã.

Destruir para construir.

Isto em todas as eleições, geraes, provinciaes e municipaes.

5

Em toda a patria, existe o embrião sentimental do republicanismo. E' preciso desenvolvê-lo, fecundando-o com a palavra, com a doutrina e mesmo com o espectáculo da miseria do funcionalismo e dos votantes que crearam toda a mesquinhez, toda a sordidez que a crise actual revêla na mais luminosa evidencia.

Os brasileiros devem ter aprendido pela experiencia que um povo sem educação civica de nada vale; a indiferença d'este paiz, pelas eleições que sempre foram feitas em proveito de imbecis, de argentarios, de politicões ignorantes, de compadres de nullidades intellectuaes ou de sabidórios exploradores ou de pobres de espirito inconscientes, foi a causa do seu atrazo nos seus interesses, nas grandes questões que agitam a alma nacional e a causa de tornal-a pobre, a despeito de todas as naturaes riquezas, e a mais desgraçada de todas as suas irmans na America.

Porque, digamos a verdade, o brasileiro sempre viu no mandato civico um simples

meio de arranjar emprego, ou de pagar obsequios sob a fé de pares de tamancos aos fidalgos da terra.

6

Afinal de contas, haverá ainda quem no terreno da theoria, discuta o valor da republica? Haverá quem sustente o privilegio divino ligado a um homem para constituir se o senhor Deus do exercito e do povo?

E se a monarchia como idéa geral é uma cousa fossil incompativel com as novas jazidas que o progresso e a civilização accumulou na historia, para que sustent-a, onde ella nem ao menos representa a força do passado, a tradição e a educação do povo?

Assim, não ha hoje em dia monarchistas sinceros senão os imbecis; os outros devem ser calculistas grosseiros que não hesitam em fazer o sacrificio da consciencia mediante qualquer provento desprezível. Ha, sim, homens que especulam com o monarchismo, como também ha sacristães que especulam com os enterros e ha vermes que especulam com os cadaveres. E' o interesse pela podridão: é a gula da mosca varêja, é a fraternidade do urubú e da carniça podre.

Eu acredito que a minha patria fará a republica ou levantar-se-á com ella, apesar da ancia do urubú, da gula intemperante do verme, porque a propria putrefação já vae quasi terminada; pouca carniça resta; a podridão lucrativa esvae-se em fluidos beneficos que hão de salutarmente fecundar os germens que no solo cahiram dos labios da sciencia nova e da nova experiencia das cousas.

E como os moribundos que ás portas da morte clamam pela religião que desprezaram durante a vida, os homens no horror de todos os estragos, na crise de todos os recursos, hão de clamar por aquelle ideal que regenera, que é o prestigio da humanidade, elevando-se sobre si mesma, sabendo governar-se livremente na sua domesticidade, sem o latego servil e infamante dos despotas e dos senhores.

8

Nas condições da nossa civilização, não se deve exigir a *força* lenta, muscular, numerica, como vantagem de lucta. O factor do espirito de combate e de coragem, é

principalmente a força nervosa, isto é, o brio. E' pelo brio que o homem sente mais uma pequena bofetada no resto do que a mais rija bordoeira. Povo! tem brio! lembra-te de que levas uma bofetada todos os dias, na tua face cujo suor é desperdiçado com os protegidos, na tua bocca cuja palavra é fermentida e falseiada pela imposição dos teus governadores e dos teus capitães, na tua lingua que não traduz a consciencia mas o interesse, nos teus labios que sorriem quando se amargura o teu coração!

9

Ainda agora anda por uma provincia um joven candidato que se exclue voluntariamente das *ideas* dos dous partidos vigentes e apenas se evidencia *monarchista*. Donde se vê a anarchia desse desvairado talento: que é ser conservador fóra das ideas conservadoras? Ha por acaso um partido fóra das ideas d'esse partido? Dado que se verifique semelhante confusão, que significa o *monarchismo puro*? Se os proprios monarchistas confessam que a monarchia é apenas um symbolo, mas que os factos residem na accção do governo responsavel, como se abandona qualquer dos partidos para ficar-se na exclusiva mania esteril do symbolo? O povo tem interesses conservadores e liberaes, mas o povo não tem interesses *regios*. O monarchismo sem partidos é como um cigarro sem fumo.

Que tem o povo com D. Pedro ou com Isabel? Donde provem o interesse do paiz por essa familia, que nos parasiteia ha sessenta annos, comendo, bebendo, dissipando com os commensaes e com os inevitaveis compadres, detendo-nos no atrázo que lhe convem, na ignorancia que lhe convem, na pobreza que lhe convem, no jesuitismo que lhe convem, no regimen de todas as bandalheiras, de todas as misérias e todas as vergonhas, que lhe servem de nutriente pasto?

Aqui ao pé de nós, a republica Argentina é hoje um dos paizes mais adiantados do mundo e o é de facto porque nunca será o patrimonio de nenhuma familia e sim, de todo o povo. Onde está o nosso patriotismo? Que fazemos nós das lições da nossa historia, tão fecunda de exemplos?

Tem qualquer homem o direito de illudir os seus patricios, illudir a sua con-

sciencia para ganhar a talvez funesta nomeada de deputado inutil e *faiméant* ou para dissipar na Côte o subsidio de representante, não do povo, mas da *monarchia*?

E' simplesmente irrisorio.

10

E porque certo deputado de talento Isabelista hoje não é republicano? Não é difficil dizel-o. E' porque a sua intuição ainda não chegou serena á esphera do *livre querer*. Ainda não chegou ao ponto do caminho em que se diz: *eu poderia ser ingrato (?) a uma familia mas não o quero ser á patria*. Ainda não chegou ao ponto de exclamar: *A carniça pode servir para estrumar alheios jardins; mas eu não quero que as minhas flores tragam nas azas dos seus perfumes a longiqua nodoa d'aquelle humus esteril*.

11

Não que a familia imperial seja corrupta; pelo contrario, honesta. Corrupto é o regimen, e corruptos são os homens educados n'elle, no conluio das fraquezas, na collaboração das pusillanimitades. Mas a honestidade de um não é um motivo para que a patria se deshonre e se avilte, com todos atirando-se nos pantanos, sem coordenar seus movimentos, sem convergil-os para o alvo supremo da aspiração universal.

Ruy Barbosa ou Joaquim Nabuco são d'aquelles que poderiam ser, e serão um dia dos nossos. Sel-o-ão porque queremos a todos, aos bons, aos santos e aos peccadores. Mas hão-de em nosso templo entrar descalços e descobertos, sobraçando a profusão infinita de flores regadas pelo seu suor de trabalho, aquecidas pelo sol intenebravel do seu estudo e oxigenadas pela respiração do seculo, que a haustos agonisa para sepultar-se no abismo dos tempos.

Elles serão dos nossos, porque já todos o foram, quando a maldade dos homens não lhe inculcia a transação feroz dos partidos que assaltam os maiores quando as suas almas candidas abrem a corolla forte para receber o pollen das revoltas.

ELISA LENTZ.

SONETO

Soffrer e amar é tudo a mesma cousa,
Inda que amar pareça á eterna vida;
E do sêr da existencia indefinida
A dor é eterna e inseparada esposa.

JOÃO RIBEIRO.

Si não se amasse não mais seria a vida
Que um soffrimento sem um só prazer,
Que um deserto sem trilha conhecida
Embora não se ame sem soffrer.

Sem amor a existencia é dolorida
Noite funebre até o dia de morrer,
Da alma a esperança é foragida
E' frio o coração. Amar é o viver.

Curvemos pois ao eterno sentimento
Que Deus deu ao homem no momento
Em que a existencia também deu.

Se elle rouba ao coração a calma
Enlevada suspende a nossa alma
Aos suavissimos extases de céu.

AMELIA DA ROCHA NEVES QUINTELLA

Da educação

QUAL É O SABER MAIS PROVEITOSO

(Continuação)

Eis pois, repetimos, o que se póde chamar a ordem racional d'esta hierarchia: educação que tem em vista a conservação directa do individuo: a que lhe ensina a prover á sua sustentação; a illustração que lhe ensina a educar sua familia; a que forma o bom cidadão; a que permite emfim gosar dos differentes prazeres da vida. Nunca poderemos contestar que estes diversos ramos de educação não estejam tão estreitamente ligados, que seja impossivel cultivar um, sem d'algum modo se occupar com os outros todos. Não duvidamos de que cada divisão encerra partes mais importantes umas do que outras, existindo nas divisões precedentes: que, por exemplo, um homem muito habil em negocios, mas pouco dotado no resto, não esteja

mais afastado do ideal da vida completa do que outro menos habil em ganhar dinheiro, mas possuindo muito juizo como chefe de familia; que, pelo mesmo motivo, um conhecimento aprofundado da sciencia politica e social, juncto a uma ausencia completa de cultura litteraria e artistica, não sejam menos desejaveis do que uma menor porção d'esta sciencia acompanhada d'algumas noções das lettras e das bellas-artes. As grandes divisões que estabelecemos subsistem apesar de ligeiras restricções; subordinam-se umas ás outras segundo a ordem precedentemente indicada, e isto porque as divisões correspondentes da vida real se tornam mutuamente *possiveis* nesta ordem.

Naturalmente o ideal da educação seria alcançar uma preparação completa em todas estas divisões. O estado da nossa civilização actual não permite attingir este ideal; é preciso contentarmo-nos com manter uma justa proporção entre os differentes graus de preparação para cada uma das divisões da actividade humana. Não tractemos de desenvolver exclusivamente uma ordem de conhecimentos á custa de outros, por mais importante que possa ser; dirijamos a nossa attenção para todos, proporcionemos os nossos esforços ao seu valor relativo. E' preciso exceptuar todavia o caso em que as aptidões particulares fazem com que nos dediquemos com razão a uma sciencia especial que se torna um ganha-pão. Mas para a media dos homens o fim que se propõem é uma educação que se approxima cada vez mais da perfeição das cousas mais essenciaes á vida completa, e que se approxima cada vez menos das que tem cada vez menos influencia na vida completa...

Esta parte tão importante da nossa educação, que tem por objecto prover directamente á conservação de nós mesmos, está felizmente garantida com antecipação. Como era muito importante para ficar á mercê da nossa leviandade, foi a natureza que se encarregou d'isso. A creança ainda nos braços da ama esconde o rosto e chora ao ver um estranho; surge aqui o instincto de conservação, que o leva a evitar o que é desconhecido e que póde ser perigoso. Quando a creança sabe andar, o terror que experimenta á approximação de um cão extranho, os gritos afflictivos com que ella corre para os braços da mãe ao ver qualquer cousa inesperada, mostram-nos este

instincto já mais desenvolvido. Demais principalmente se occupa hora a hora em adquirir os conhecimentos que servem para a preservação directa do proprio individuo. Não cessa de aprender como é que deve conservar o corpo em equilibrio e vigiar os movimentos afim de evitar os choques; quaes objectos são duros e o danificariam se acaso esbarrasse com elles, os que são pesados e o feririam se cahissem sobre os seus membros; quaes são as cousas que supportam o peso do seu corpo e quaes as que o não supportam; a dor causada pelo fogo, pelos projectis, pelos instrumentos cortantes; tal é, com muitos outros elementos de uteis informações para evitar a morte ou os accidentes, o objecto continuo do seu estudo. Emfim quando alguns annos mais tarde as forças se exercitam a correr, a trepar, a saltar nos jogos de força ou de destreza, nós vemos em todas estas acções, com que os musculos se desenvolvem, as percepções se avivam e o juizo se torna mais prompto uma preparação para saber conduzir o corpo no meio dos objectos que o rodeiam e evitar os perigos que se appresentam na vida a todo o mundo. A natureza, tendo assim, como expozemos, tomado tão grande cuidado de nos instruir, não temos que nos occupar muito com esta educação fundamental. O nosso principal papel é vigiar para que a creança tenha a completa liberdade de adquirir esta experiencia e de receber este ensino, para que a natureza não seja contrariada, assim como o é por absurdas professoras, que impedem de ordinario as meninas, confiadas ao seu cuidado, de se entregarem á espontaneidade da sua actividade physica, como ellas gostariam de o fazer, tornando-as assim relativamente incapazes, ellas proprias, de se precaverem em caso de perigo.

Mas não basta isto e tudo o mais que comprehende a educação para preparar a preservação directa de si proprio. Além do corpo, que deve ser defendido contra tudo que póde prejudicar ou destruir mechanicamente o nosso organismo, é preciso que elle seja protegido contra as consequências das infracções da lei physiologica, consequências que são a enfermidade ou a morte. Para chegar á plenitude da existencia torna-se não sómente necessario prevenir as aniquilações bruscas da vida, mas é ainda preciso evitar os enfraquecimentos e os lentos esgotamentos que os

nossos habitos maus originam. Sem a saúde o vigor, toda a especie de actividade pessoal, paterna, social, etc. se torna mais ou menos impossivel, é claro que este segundo genero de preservação directa de si mesmo não é menos importante que a primeira, e que o saber tendente a assegurar-a deve ser collocada num grau muito elevado.

É verdade que neste caso nós somos ainda providos de um guia; por meio das nossas sensações physicas e dos nossos desejos a natureza assegurou-se uma submissão relativa ás suas principaes exigencias. Felizmente para nós, a falta de alimento, o grande calor, o frio excessivo produzem avisos muito imperiosos para que os não tomemos em consideração; e, se os homens obedecessem naturalmente a estes avisos e a outros semelhantes á primeira indicação, relativamente poucos males teriam a temer. Se a fadiga do corpo e do cerebro fosse invariavelmente seguida da interrupção do trabalho, se a oppressão produzida por uma atmosphera confinada convidasse sempre a effectuar a ventilação necessaria, se não se comesse sem fome, se não se bebesse sem sede, o organismo raramente se encontraria em difficuldades de funcionar. Mas ha nisto uma tão profunda ignorancia das leis da vida, que os homens não sabem mesmo que as suas sensações são os seus guias naturaes, os seus guias mais dignos de confiança, logo que não se tornaram morbidos por uma desobediencia persistente. D'esta fórma, embora a natureza, para falar a linguagem da theologia (1), nos dotasse de guardas fieis e vigilantes da saúde, a nossa ignorancia os torna em grande parte inuteis.

Se alguém duvida da importancia que ha para nós em nos familiarisarmos com os principios da physiologia, como meio de chegar á vida completa, que observe em torno de si e veja quantos homens e mulheres não encontrará na idade media da vida ou numa idade avançada, completamente saudaveis. Não é uma excepção o encontrar-se o exemplo d'uma vigorosa saúde conservada na velhice; a toda a hora,

(1) A theologia ou estudo das causas finaes é a parte da antiga metaphysica, consagrada á investigação dos fins, em vista dos quaes, segundo a hypothese de Aristoteles e dos que o têm seguido, a natureza combinou tal ou tal ordem; neste caso especial, por exemplo, tracta-se dos fins pelos quaes os nossos órgãos e sensações nos foram dadas.

pelo contrario, se nos deparam casos d'uma vigorosa saude conservada na velhice; a toda a hora, pelo contrario, se nos apresentam casos de enfermidades agudas, de enfermidades chronicas, de enfraquecimento geral, de decrepitude prematura. Não ha talvez pessoa alguma que deixe de confessar, se a interrogardes, que no decurso da sua vida contrahi enfermidades, das quaes a mais simples noção de physiologia a teriam preservado. Neste é uma enfermidade de coração, consequencia d'uma febre rheumatica, adquirida por uma imprudencia; naquella é a vista de um olho completamente perdida por um excesso de estudo. Hontem tractava-se de uma pessoa cujo persistente coxeamento provém de que, a despeito da dôr, continúa a servir-se d'um joelho ligeiramente ferido. Hoje falam-nos d'uma outra pessoa que teve de estar de cama durante annos, porque ignorava que as palpitações de que soffria eram um dos effeitos da fadiga do seu cerebro.

Ora é uma ferida incuravel proveniente de um esforço imprudente; ora é uma constituição que nunca mais se repoz das consequencias d'um trabalho excessivo empreendido sem necessidade. Durante este tempo nós vemos por todos os lados as perpetuas indisposições que acompanham a fraqueza. Não nos detenhamos sobre o resfriamento, o cansaço, o desgosto, as perdas de tempo e de dinheiro que pesam d'esta fórma sobre nós; consideremos sómente quanto a saude combalida obsta ao cumprimento de todos os nossos deveres; muitas vezes torna impossiveis e sempre difficeis as occupaões que devem prover ao nosso sustento pessoal; produz uma irritabilidade fatal á boa direcção das creanças; torna uma impossibilidade o cumprimento das funcções do cidadão e converte em fadiga o que devia recrear-nos. Por ventura não é evidente que os peccados contra a ordem physica, tanto os dos nossos antepassados como os nossos, alterando a saude, diminuem mais do que tudo a vida completa, e que numa larga escala fazem da vida uma enfermidade e um fardo em vez de um beneficio e um gozo?

Não é isto tudo. Além de que a vida consideravelmente se deteriora, é ainda encurtada. Não é verdade, como o supõem, que depois d'uma alteração ou enfermidade de que nos curamos ficamos

como anteriormente. Não ha perturbação funcional que possá dar-se deixando as cousas exactamente taes como estavam. O organismo recebeu uma affecção permanente; póde dar-se o caso de não ser immediatamente apreciavel, mas existe, e accrescentada a outros *itens* do mesmo genero, que a natureza nunca se esquece de inscrever no computo rigoroso que tem, esta affecção influirá sobre nós, até que inevitavelmente nos encurte a vida. E' pela accumulacão de insignificantes affecções que os organismos são ordinariamente minados e destruidos muito antes do tempo. Se attentarmos emquanto o termo medio da vida cahe abaixo da duração possivel, podemos fazer uma ideia da immensa extensão do prejuizo. Se ás perdas parciaes da vitalidade que produz a doença nós accrescentarmos a perda final causada pela morte prematura, vemos que ordinariamente metade da vida é sacrificada.

Por conseguinte, a sciencia que concorre para a preservacão directa do proprio individuo, impedindo a perda de saude, é da primeira importancia. Não temos a pretensão de que a posse de uma tal sciencia remediaria completamente e em todo o caso o mal. E' evidente que no periodo actual da nossa civilisacão as suas necessidades obrigam muitas vezes os homens a transgredir a lei. Alem disso é bem claro que, mesmo na ausencia de semelhante necessidade, a sua propria inclinação os arrastaria muitas vezes, apesar das suas convicções, a sacrificar um bem futuro a uma satisfacção immediata. Mas nós pretendemos que um conhecimento proporcionado do que diz respeito a esta materia, produziria resultados consideraveis; e accrescentamos que, visto que as leis da saude devem ser reconhecidas antes de serem plenamente obedecidas, uma maneira de ver mais conforme á razão não poderá estabelecer-se senão quando o conhecimento dos principios de hygiene a tiver precedido e preparado. D'isto concluimos nós que, se uma vigorosa saude e a energia moral que a acompanha são para o homem os primeiros elementos da felicidade, o ensino que tem por objecto a conservacão d'esta saude não cede a nenhum outro. Affirmamos tambem que um curso de physiologia, sufficientemente completo para ministrar á intelligencia verdades geraes d'esta sciencia e para nos ensinar a proceder na vida

quotidiana, fórma parte indispensavel d'uma educação racional...

Não temos necessidade de insistir no valor do genero de saber que concorre directamente para a conservação do individuo, fornecendo-lhe os meios de ganhar a sua subsistencia. Todo o mundo está d'accordo neste ponto e o grande numero o considera até, muito exclusivamente talvez, como o fim da educação. Mas muito embora se admitta, em theoria, que a instrucção que torna os jovens aptos para ganharem a sua vida é d'uma importancia capital, apenas algumas pessoas diligenciam saber que genero de instrucção desenvolverá nelles esta aptidão.

Na verdade, a leitura, a escripta e a arithmetica são ensinadas com uma intelligente apreciação da sua utilidade. Mas não basta. Emquanto a maior parte do que se aprende não diz respeito á actividade de que depende a sustentação pessoal do individuo, despresam uma immensa quantidade de conhecimentos que affectam directamente esta actividade.

(Continua).

Encontro de uma lagryma

Alta noite acordei. Lugubre e fria
Branda de soturna voz de eterno encanto
Vinha-me ao ouvido, quasi extincta e morta.
No entanto, Helena juncto a mim dormia...

De novo os meus ouvidos corta
A mesma voz. Cheio de horrendo espanto
(Pois do collar de Helena é que partia)
Uma perola ouvi:

«Eu vim dos mares,
Do mais profundo e eterno sorvedouro,
Dá que eu possa voltar as algas d'ouro
E ao conchego dos brancos nenuphars»

Quando eu chorava ante essa dor infinda
A lagryma descendo-me dos olhos:
«Irman, eu tambem vim d'outros escolhos
E d'outro mar que é mais profundo ainda»

■ juntas no carcere humano
Nutriram-se do mesmo amor.
Perola! lagryma do oceano!
Lagryma! perola da dor!

1884.

NA ROÇA

Coalha-se a luz nas pedras lutulentas
Meio dia talvez... os boiadeiros
Pelas estradas rubras e poeirentas
Passam cantando. Os longiquos oiteiros

Reproduzem-se á tona da lagôa...
Sobre o aquoso brejo humido e molhado
Uma esguia e solitaria canôa
Fluctua presa a um tronco abandonado.

Reguma á luz vibratil do meio dia,
Ao longo hausto das grotas absorventes,
A morbida quentura doentia
Dos luxuriosos prados florescentes...

A FOGO MORTO

Tudo acabado jaz n'esse deserto,
Nos aceiros das longas coivaraças
Somente fala a voz das enxurradas
Ruborejando o tanque descoberto.

Molles aguas alhanam-se nas bôlhas
Dos imbrincados folios da aroidéa
Contam que á meia-noite a lua cheia
Lacremeja diamantes sobre as folhas,

Como do coqueiro o verde spatho
Pende aos varaes um cortice de abelha
E de manhan, vê se a trilha avermelha
Tortuejando sfora pelo matto.

Cae em ruinas o forno boquiaberto
D'uma olaria velha estortegada
Pelos ventos hyemaes... e a madrugada
Rasga do cœo o cerulo deserto.

1883.

A CAVALLO

Vamos, ó meu corse! vöemos pela estrada,
Que ensombra o taquaral flammejante, plumoso,
Das aves se levanta a rapida revoadá...

Um pouco mais adiante, amigo valoroso,
Sopra o vento cruel, e suffoca-me a poeira...
Nós havemos de ter mais tarde algum repouso.

Andemos! eu já sinto uma ancia verdadeirá,
Mais depressa! senão o fogo immorredouro
D'esse profundo amor me devora a alma inteira.

Leva-me por aqui maior que a ambição do ouro
O desejo febril de vêr a minha amada,
Quero gosar aquelle impecavel thesouro...
Vamos, ó meu corse! voemos pela estrada...

AURORA

Rompe a manhan. O passaro pipila,
Desce do oriente um luzimento vago,
Em baixo, tremulo e profundo, o lago
Como placa metallica scintilla.

No accidentado bloco da pedreira
Geme a cascata um choro penitente :
Tudo tristonho vive : a cachoeira,
A ave, a montanha e o lago. De repente

Como na forja rubra d'um crisol
Chispeia o lago. Rubra agua incendiada
Jorra a cascata candente abrasada
Pega fogo a montanha... surge o sol.

A CHEGADA

Voa commigo o trem, voa como a suspoita,
Transpõe os hombros nús da montanha distante
O solanda no céu boquiaberto, offegante
Dentro da concha azul tranquillã e rarefeita.

Tambem meu coração parte-se palpitante
Levado pelo imán fatal da linha recta.
O' amargura antiga ! ó triste flor dilecta
Que encontrará de novo o lugubre viajante.

Ao passo que o trem voa as arvores parecem
Erguerem-se do chão despertadas ao rumor...
E dir-se-ia talvez que crescem, crescem, crescem...

De ti me approximando o mesmo sinto, flor !
Os meus labios juvenes de beijos se entumescem
E vai crescendo em mim o meu immenso amor.

(Dias de sol, 1833-84).

Para chover

Tolda-se o azul do ambiente : o céu formoso
Ensombrã-se de nuvens ; do chão rente
Arrufa-se o herbage ; obliquamente
Vareja o espaço um turbilhão furioso

De folhas e de peira. A sombra desce
Da grande nuvem que o horisonte entura,
E cobre o vasto campo que escurece...
Vem de longe roncando e cae, a chuva.

No oasis

A comitiva chega... o aloés cheiroso
Fumeia, embriaga a caravana agora,
Sob a tamara verde abrigadora
Dorme o camello flavo e ruminoso.

Desce cansada a peregrina moura
Crava na areia o alfange scintilloso ;
Do bourzequim o muginario pouso
Esconde o pé da errante scismadora.

Mas ella está com sede ! A lymphe mansa
Retrata os pomos virginacs da creança,
Quando se inclina sequiosa a donzella.

N'essa hora, de narinas dilatadas,
Aspira as sedosas fructas vedadas
Uma selvagem, tímida gazella.

NA BERBERIA

Colubreia pelo ar o fumo da escudela
Onde a myrra, o gelim, nardo, eloendro e canella,
Vão aromatizando as colxas penduradas
Rubras, adamascadas...

Andam, sangram na areia escariosa no attrito
Os coureiros de Fez que vão vender no Egypto
Chamalote encarnado e albergates azues
Aos lascarins do Ormuz

Mas subito desperta o Kamihel violento,
E o turbilhão franchando o vasto chão poeirento
Sóbe, recua, desce e envolve a ousada gente
Sob a areia candente.

Nos mares d'Africa

Veleja o bergantim... zaluma á prôa
A antiga valentia, a alegre gente,
E diz o tempo que annuncia o poente
Nos corymbos da nebula. Revôa

Sobre o deserto mar soturonamente
A aza sonora d'uma antiga lóã
Que a nostalgica soledade entôa
Ampla, lyrica, funebre, inconsciente.

Mas, cahe a noite... as velas alongadas
Despenham-se : nas ondas encurvadas
Demanda o brigue aligera almadia...

N'essa hora do porão lenta rebôa
Mais profunda que aquella antiga lóã
A voz da escravidão triste e sombria.

Sob o Equador

Retine a luz na areia : o granito espelhante
Flammeja espigilhado á luz rubra do dia ;
Rolam pedras na encosta erriçada da estria
Da chuva, encarquilhando o bloco chammejante.

A terra arde. O capim secco, murcho, queimado
Acama-se na varzea. Os magros bois sedentos
Vão troteiando a mugir, tristes uns, outros tentos
Buscar o taquaral anguloso, crispado

Glorioso, altivo, o sol no abobadado manto
Emmalha a rendilhada e luminosa teia...
Excessivo calor comprime a terra, enquanto
Morre o sedento boi, retine a luz na areia.

No cemiterio

Como en sahissee, outro dia,
Ao cemiterio chegando
Vi os salgueiros chorando :

—Ave Maria ! Maria !
E vozes da azulca nave
—Ave Maria ! e ao longe : Ave.

Vi o cypreste que medra
—Verde esperanza plantada
No termo da humana estrada —

Tinham as lages de pedra
Sobre os peitos nus, desertos,
Cruzes de braços abertos,

Co no estatuas que formasse
A' foice, n'um simples corte,
A mão inhabil da Morte.

Mas como ao lugar chegasse
Onde o seu corpo repousa,
Ri-me.

— « Extranhissima cousa !

(Disse um coveiro sahindo)
« Este homem que passa rindo
« Por perto da amada lousa ! »

Estupido ! elle ignorava
No seu parco e estreito siso
A causa do meu sorriso.

Não sabia quanto amava,
Quanto me era doce aquella
Pedra mortuaria e singela ;

Que se o soubesse, de certo,
Estranha não parecêra
Dor, entre as dores, sincera.

Pois, se eu me ria alli perto,
Continha-me o terror santo
Do contacto do meu pranto.

E á mulher que idolatrava
Iria augmentar-lhe a pena
Da sua vida terrena.

Pois esta, que é morta e fria,
Chorava quando eu chorava,
Sorria quando eu me ria.

(1886)

Pentasyllabos

Sei uma historia
Que faz chorar
Onça e decore-a
Quem escutar.

Contam que outr'ora
Um passarinhô,
Pequeno embora
Fizera ninho

E ao ninho preso
Um ramo hirsuto
Cedia ao peso,
Peso d'um fructo.

Ambicioso
Junto se esgueira
Um pé vigoroso
De trepadeira,
Que a brisa agita
De vez em quando.
A parasita
Foi-se enroscando...

Em giros loucos,
Na verde frança,
Subindo aos poucos
O ninho alcança.

E olhando o ninho
A parasita
Vê que se agita
Um passarinho.

Mas a ave grita
De quando em quando...
A parasita
Vae-se enroscando...

Subitamente
A ave se cala.
A planta rente
Ao ninho falla :

Tem mãe ! parece
Que não a tem !
— O sol te aquece ?
Tu vives bem ?

(E ella sorriu)
— Não tenhas medo !
Pelo arvoredo
Alguem boliu ?

Pobre avesinha,
Abandonada !
Desamparada !
Queres ser minha ?

(Movendo um galho)
Queres beber ?
Não vês o orvalho
Aqui tremer ?

Não te recolhas !
Uma por uma,
As minhas folhas
São como a pluma

Que te acalenta.
Sentes cansago ?
O ramo é um braço
Que te sustenta.

Fapeia e grita
A ave chorando...
A parasita
Vae-se enroscando..

— Vou abraçar-te
Só como eu sei.
De toda a parte
Te cercarei.

Não vas ! tu vaes
Pelo relento ?
E a chuva ? ! e o vento
E os temporaes !...

Meio a sorrir
A planta cresce,
Ergue-se, desce,
Torna a subir

Cada raminho
Revoluteia
Em volta enleia
E tapa o ninho,

Constringe o seio,
Aperta... aperta..
Nada desperta,
Nenhum chileio

No ar resoa...
A ave não grita
Porque matou-a
A parasita.

Av. e Cyth., 1885

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 15 DE MAIO DE 1889 — BOLETIM IX

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, lithographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

106—AZEVEDO MARQUES (Joaquim Candido) inspector da Thesouraria da fazenda da provincia de S. Paulo.—S. Paulo, typ. a vapor de Jorge Seckler & C., 1889. 8º com 194 pags.

107—BANCO PREDIAL do Rio de Janeiro. Relatorio da directoria 1889. Rio de Janeiro, typ. e lith. de Carlos Gaspar da Silva, successor de Moreira Maximino & C., 111 e 113 rua da Quitanda 1889—8º com 8 pags e 13 de tabellas.

108—ESTRADA DE FERRO D. PEDRO II. Collecção das ordens e serviço do trafego de 1871. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889—16º com 142 pags.

109—FAUSTO GALLO. Deffesa documentada no processo instaurado sobre o incendio do templo da Santissima Trindade. Bahia, Lithographia de João Gonçalves Tourinho, largo das Princezas n. 15, 2º andar, 1889—8º com 69 pags.

110—FERREIRA DA ROSA (Francisco) Segundo livro de leitura para servir de continuação ao *Methodo pratico para aprender a ler* e ao *Primeiro livro de leitura* já publicados. Rio de Janeiro, na livraria de J. G. de Azevedo, editor, 33 rua da Uruguayana, 1889.—16º com 149 — II pags.

111—FOGUANO (frei Fidelis Maria de) Missionario apostolico capucinho. Relatorio apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da provincia de Pernambuco Dr. Innocencio Marques de Araujo Góes pelo Director da colonia Orphanologica Isabel.—Relativamente ao anno findo em 31 de Dezembro de 1888, decimo quinto da fun-

dação do mesmo Instituto.—Recife, Typ. de F. B. Boulitreau, successor de G. Laporte & C. 1889.—16º com 26 pags, e varias tabellas.

112—GOMES RIBEIRO (João Coelho) Instrução para o recrutamento do Paraná, pelo chefe de policia—Curitiba, Typ. Luiz Coelho 1889—8º com 13 pags.

113—LACERDA (Dr. J. B. de) Sub-director do Laboratorio de physiologia experimental do Museu Nacional. A peste da manqueira na provincia de Minas Geraes (carbunculo symptomatico) Relatorio apresentado a S. Ex. o Sr. Ministro da Agricultura, Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva. — Rio de Janeiro, Imprensa Nacional com uma estampa chromo-lithographica 1889.—8º com 63 pags.

114—MELLO FRANCO (Virgilio Martins de) Relatorio da administração da Santa Casa da Misericordia de Barbacena, apresentado a 13 de Janeiro de 1889 pelo provedor—Segundo semestre de 1888. Rio de Janeiro 1889.—8º com 16 pags.

115—RELATORIO do hospital de Nossa Senhora da Graça de Sete Lagoas—Minas Geraes. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional 1889.—8º com 13 pags.

116—V. M. M. F., Choreographia descriptiva. A provincia de Minas Geraes perante o immigrante estrangeiro. Impressa por conta da Companhia de Immigração e colonisação mineira.—Imprensa Nacional 1889—8º com 65 pags.

117—WILLIAM COBBET. O reinado dos Loyos ou a decadencia da administração publica. Rio de Janeiro, Typ. Perseverança, 85 rua do Hospicio, 1889.—8º com 69 pags.

MUSICAS

—CLAUDIO DA GAMA. Serás firme? polka para piano. — *O Philartista*, Gazeta Musical. Recife.

—GUILHERME RIBEIRO. Treze primaveras, valsa. — *O Philartista* Gazeta Musical. Pralle & C., 55 rua do Imperador, Pernambuco.

JOAQUIM C. MILLER. Magnolia, mazurka de salão. Rio Grande do Sul, Livraria Americana. 1\$000

—JULIO BUENO. Compendio de musica traduzido e compilado, vende-se no escriptorio da *Revolução*. Campanha, Minas 2\$500

—LOURENÇO F. DA SILVA. Sensitiva, valsa para piano. *O Philartista*, Gazeta Musical. Recife.

—M. CLETO. Zig-zag, galope para piano — *O Philartista*, Gazeta Musical Recife.

—MISAEEL DOMINGUES. Pensativa, gavota. — *O Philartista*, Gazeta Musical.

Agradecemos as offertas.

Continuação do n. 8 pag. 126

Dos cantos floridos ha alguns de bello effeito e caprichosos arabescos; das iniciaes oroadas é que por emquanto é pobre o *specimen*, mas em compensação dispõe de alguns *ornatos capitulares* que permitem impressões de livros de cunho verdadeiramente elzeviriano e para o qual tem desta especie todas as necessarias familias.

Como nas publicações deste genero se costuma fazer, o administrador da Imprensa Nacional, o Sr. Antonio Nunes Galvão, pôz todo o esmero e effectivamente recommenda-se pela nitidez, principalmente dos filetes e vinhetas, em chromos, que ornarn as paginas e estampam os titulos das classificações.

A Imprensa Nacional, que ha menos de 10 annos via-se na necessidade de supprir-se de todo o material de fundição. acha-se hoje nas condições de fornecer nessa parte tudo quanto se precisar para bem montar-se uma typographia.

A fundição da Imprensa Nacional é hoje a maior e mais completa officina no seu genero que possui o paiz.

Annuncios

Lusiadas (os) de Luiz de Camões, edição critica-commemorativa do 3° centenario da morte do grande poeta, publicada no Porto por Emilio Biel, 1 vol. in-folio, 1880. Magnifica edição, impressão de luxo com esplendidas gravuras, rica encadernação com folhas douradas..... 50\$000

Lesage—Historia de Gil Blas de Santilhana, traducção portugueza de Julio Cezar Machado, edição monumental illustrada com perto de 400 gravuras, intercalladas no texto e 30 oleographias em separado. Lisboa, David Corazzi, 1886, 2 vols. in-folio..... 30\$000

Cervantes Saavedra (Miguel)—D. Quixote de la Mancha, traducção dos Viscondes de Castilho e de Azevedo e M. Pinheiro Chagas, com os desenhos de Gustavo Doré, gravados por H. Pisan. Porto, imprensa da Companhia litteraria, 1878, 2 vols. in-folio..... 35\$000

Julio de Mattos—Historia natural illustrada, compilação feita sobre os mais autorisados tratallios zoologicos, magnificas estampas coloridas, 6 vols. in-4o, edição de Magalhães & Moniz, Porto, 1880 35\$000

Innocencio Francisco da Silva — Diccionario bibliographico portuguez, estudos applicaveis a Portugalia e ao Brazil, 14 vols. in-8°. enc. 1/2 chagrin, edição esgotada..... 80\$000

Revista trimensal do «Instituto Historico e Geographico Brasileiro», 49 vols. encs..... 120\$000

Atala, pelo Visconde de Chateaubriand com os desenhos de Gustavo Doré, Traducção de Guilherme Braga, 1 vol. in-folio enc .. ,..... 14\$000

Encyclopedie moderne. Dictionnaire abrege des sciens, des lettres, des arts de l'industrie, et du commerce, nouvelle édition entierement refondue et augmentée de prés du double, publiée par Firmin Didot Freres, 44 vols encs. sendo 5 de atlas com finissimas gravuras sobre aço 60\$000

Novelle biographie generale depuis les temps les plus reculés jusqu'a nos jours avec les renseignements bibliographiques et l'indication des sources a consulter publiées par Firmin Didot Freres sous la direction de le Dr Hoefer, 45 vols: Nouveau dictionnaire d'histoire, de geographie, de mythologie et de biographie par une société des professeurs et de savantes sous la direction de A. Descubes, 3 vols: sendo 1 de atlas, edição de 1889 encs..... 24\$000

A' venda na livraria do Centro Bibliographico Vulgarisador, 41 Rua Gonçalves Dias, 41.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

NA LIVRARIA CLASSICA DE
ALVES & COMP.

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

Geographia Geral do Brazil por A. W. Sellin traduzido do allemão e ampliada por J. Capistrano de Abreu, 1 vol. 2\$500

A antiga e bem conceituada livraria Alves & Comp., acaba de publicar dous excellentes livros sobre o Brazil, e são:

1) *Geographia Geral do Brazil*, por A. W. Sellin, traduzido do allemão e ampliada pelo distincto professor de historia e chorographia do collegio D. Pedro II, o Sr. João Capistrano de Abreu.

E' um excellento trabalho muito methodico e muito exacto. O autor residiu 12 annos no Brazil e exerceu o lugar de director de uma das colonias do Rio Grande do Sul; e soube conhecer o paiz, baseou-se nas melhores publicações, quer de escriptores de nota quer de officiaes.

Em geral a sua opinião tanto sobre os homens como sobre as cousas é justa e desapassionada, sómente referindo-se ao functionalismo publico lançou sobre esta classe uma accusação gravissima que sentimos não a ter o traductor refutado em uma das suas notas.

Tratando do extincto elemento servil, que ainda existia no tempo que escreveu o seu livro, o Sr. Sellin fez justiça ao sentimento dos brasileiros, declarando humano o tratamento que em geral davam os senhores aos escravos.

A parte relativa á *geographia physica* é notavel; por ella vê-se o quanto o autor investigou scientificamente o paiz. O traductor apenas ahi teve que fazer algumas ampliações de pouca monta. Na segunda e terceira parte é que esse trabalho teve que modernisar um pouco mais os dados estatisticos de Sellin, pois comquanto este houvesse escripto a sua *Geographia* em 1885, os documentos que serviram-lhe de base eram de annos anteriores.

(Do Constitucional.)

Noções Summarias de Historia Universal por J. M. da Gama Berquó, 1 vol. 5\$000

O Brazil em 1889 = *Geographia do Brazil* pelo Dr. Moreira Pinto, 3ª edição, muito melhorada, 1 vol 3\$000

LIVROS

A' VENDA NA LIVRARIA CLASSICA

DE

ALVES & C.

48 Rua Gonçalves Dias 48

Bernardo Pereira (Dr.) Quadro diagnostico das molestias do encephalo e das molestias dos nervos periphericos e da medulla 1 vol. 2\$000

Thomas da Silva Brandão. Syntaxe e construcção da lingua portugueza, 1 volume 3\$000

Martins Costa (Dr.) Tratado das molestias do coração e dos grossos vasos arteriaes. 1 vol. 10\$000

Rodrigues dos Santos (Dr.) De emprêgo dos anti-scepticos na sceptecemia puerperal, 1 vol. 2\$000

Rodrigues dos Santos (Dr.) De l'influence da l'impaludisme sur les femmes enceintes (avortement, accouchement, prématuré). 1 vol. 2\$000

Eduardo de Magalhães (Dr.) Das dermatoses de origem diabetica, 1 vol 2\$000

Barros Barreto (Dr. João) Estudo hygienico dos esgotos da cidade do Rio de Janeiro, 1 vol. 3\$000

Jorge Franco (Dr.) Monographia sobre as amyotrophias, 1 vol. 5\$000

Beaurepaire-Rohan (Visconde) Dictionario de vocabulos brasileiros, 1 vol. 2\$700

Didimo da Veiga. As sociedades anonymas 1 vol. 10\$000

Machado Soares (Dr. Antonio Joaquim). Tractado juridico-pratico da medição e demarcação das terras tanto particulares, como publicas, 1 vol. 12\$000

Macedo Soares (Dr. Antonio Joaquim). Estudos forense—questões de direito e praxe criminal, civil, commercial, orphanologico e administrativo, 1 vol.